

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

JOIAS DE FAMÍLIA:
Uma ponte entre joalheria e pintura



Lucas Barbosa dos Santos
DRE 118105653

Rio de Janeiro
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

**JOIAS DE FAMÍLIA:
Uma ponte entre joalheria e pintura**

Lucas Barbosa dos Santos / 118105653

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Setor Pintura, Dep. De Artes Base da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Curso de Graduação em Pintura, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Pintura.

Rio de Janeiro
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

**JOIAS DE FAMÍLIA:
Uma ponte entre joalheria e pintura**

Lucas Barbosa dos Santos / 118105653

O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema Phanteon da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação *online*. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

Aprovado em: 15 dez 2022

Prof.^a Dra. Martha Werneck de Vasconcellos (orientadora) / BAB EBA UFRJ

Banca:

Prof. Me. Lícius da Silva / BAB EBA UFRJ

Profa. Me. Luana Manhães / BAB EBA UFRJ

CIP - Catalogação na Publicação

S237j Santos, Lucas Barbosa dos
Joias de família: Uma ponte entre joalheria e
pintura / Lucas Barbosa dos Santos. -- Rio de
Janeiro, 2022.
60 f.

Orientadora: Martha Werneck de Vasconcellos.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2022.

1. pintura. 2. retrato de família. 3. joia. 4.
joalheria. 5. ourivesaria. I. Werneck de
Vasconcellos, Martha, orient. II. Título.

Agradeço à minha família e amigos que me ajudaram de todas as formas ao longo da caminhada. Agradeço, também, à Martha, pelo apoio e paciência.

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo principal a criação de uma ponte entre o universo da joalheria e da pintura, explorando seus principais pontos de interseção e divergência ao longo da história e apresentando o ofício da ourivesaria artesanal, a fim de criar uma série de joias e pinturas ligadas à memória e família, fundamentando assim um diálogo direto entre essas expressões artísticas.

Palavras-chave: pintura; retrato de família; joia; joalheria; ourivesaria

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: pinturas de objetos (detalhes), 2019. Fonte: autoria própria.

Figura 2: à esquerda: bracelete egípcio da Rainha *Ahhotep*, à direita: *bracelete Bone – Tiffany & Co.* Fonte: The Egyptian Museum, Cairo/*Tiffany & Co.*

Figura 3: à esquerda: estudo da Coroa Imperial do Imperador Romano-Germânico; à direita: retrato de Carlos Magno (detalhe). Fonte: *Museum of Fine Arts, Budapest/Wikipedia*, disponível em: (https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Albrecht_D%C3%BCrker_-_Emperor_Charlemagne.jpg).

Figura 4: à esquerda: joias idealizadas por Salvador Dali; à direita: resultado da parceria com *Alemanly & Ertman*. Disponível em: (<https://www.salvador-dali.org/en/museums/dali-jewels/collection/>).

Figura 5: à esquerda acima: Anel *Maple Tree*; direita acima e abaixo: *Jeweled Box R Simantov*. Fonte: R. Simantov, disponível em: (https://www.instagram.com/r_simantov/).

Figura 6: caixinha de gemas e pedras preciosas. Fonte: acervo pessoal do autor.

Figura 7: à esquerda: cartela de pedras preciosas brutas *H.Stern*; à direita: frasco de perfume da minha bisavó. Fonte: acervo pessoal do autor.

Figura 8: à esquerda: Gabriel Rossetti, *The Blue Bower* (1865), à direita: broche em formato de coração. Disponível em: (<https://www.dailyartmagazine.com/jewelry-in-rossettis-paintings/>).

Figura 9: à esquerda: Sauer: Colar Autorretrato – Coleção Tarsila. À direita: protótipo de anel hexagonal Olhares. Fonte: Sauer, disponível em: (<https://www.sauer1941.com/colecoes>) / autoria própria.

Figura 10: bracelete em ouro com retrato do príncipe consorte do Reino Unido, Albert, e rainha Victória. Disponível em: (<https://www.rct.uk/collection/422251/bracelet-with-a-miniature-of-prince-albert-and-a-photograph-of-victoria-princess>).

Figura 11: acima: ilustração do processo de fundição na ourivesaria; abaixo: ilustração do processo de laminação. Fonte: autoria própria.

Figura 12: acima: ilustração do processo de corte do metal; abaixo: ilustração do procedimento de solda e modelagem interna do anel. Fonte: autoria própria.

Figura 13: Ilustração do processo de acabamento fino, com o uso de limas, lixas e escovas de algodão. Fonte: autoria própria.

Figura 14: conceito/renderização de colar A.A.S. de pérolas, prata esterlina e cristal rutilado. Grafite e Aquarela sobre papel A4, 2022. Fonte: autoria própria.

Figura 15: Colar A.A.S. Prata esterlina 925, cristal de quartzo rutilado e pérolas de água doce. Fonte: autoria própria.

Figura 16: conceito/renderização de anel de prata esterlina e rubi. Grafite e aquarela sobre papel A4, 2022. Fonte: autoria própria.

Figura 17: Prata esterlina 925, rubi. Fonte: autoria própria.

Figura 18: conceito/renderização de anel de prata esterlina e topázio azul. Grafite e aquarela sobre papel A4, 2022. Fonte: autoria própria.

Figura 19: Anel L.S. Prata esterlina 925, topázio azul. Fonte: autoria própria.

Figura 20: conceito/renderização de anel de prata esterlina com *inlay* de esmeralda natural. Grafite e aquarela sobre papel A4, 2022. Fonte: autoria própria.

Figura 21: Anel B.S. Prata esterlina 925 e *Inlay* de esmeralda. Fonte: autoria própria.

Figura 22: Andrea, Mãe. Óleo sobre tela. 80x100cm, 2022. Fonte: autoria própria.

Figura 23: Acima: busto Andrea (detalhe); abaixo: colar A.A.S.

Figura 24: acima: Andrea, detalhe das mãos e vaso de flor; abaixo: anel Esfera, prata esterlina 925. Fonte: autoria própria.

Figura 25: Mario, detalhe do rosto. Fonte: autoria própria.

Figura 26: Mario, óleo sobre tela. 80x100cm, 2022. Fonte: autoria própria.

Figura 27: acima: Mario, detalhe das mãos, anéis e taça; abaixo: anel M.S., prata esterlina 925 e granada. Fonte: autoria própria.

Figura 28: Breno, óleo sobre tela. 68x84cm, 2022. Fonte: autoria própria.

Figura 29: acima: Breno, detalhe do rosto e escapulário; abaixo: escapulário do meu irmão, aço inoxidável. Fonte: autoria própria.

Figura 30: acima: Breno, detalhe da mão, anel e garrafa; abaixo: anel B.S. Fonte: autoria própria.

Figura 31: Lucas (autorretrato), óleo sobre tela, 69x84cm, 2022. Fonte: autoria própria.

Figura 32: Lucas, detalhe do rosto. Fonte: autoria própria.

Figura 33: acima: Lucas, detalhe da mão, anéis e garrafa; abaixo esquerda: anel L.S.; anel em ouro 18K e Turmalina. Fonte: autoria própria.

Figura 34: acima: Lucas, detalhe da tatuagem e relógio; abaixo: relógio *FENDI 900G*. Fonte: acervo pessoal do autor.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. JUSTIFICATIVA	11
2.1. Memória	12
2.2. Referências artísticas	14
3. MAISON QUIMERA	17
3.1. Joalheria na Pintura	19
3.2. Pintura na Joalheria	21
4. A OURIVESARIA	23
4.1. Os metais	23
4.2. 26	
5. AS JOIAS	29
5.1. A.A.S.	30
5.2. M.S.	32
5.3. L.S. & B.S.	34
6. AS PINTURAS	38
6.1. A Mãe	39
6.2. O Pai	43
6.3. Os Filhos	46
7. CONCLUSÃO: A PONTE	54
BIBLIOGRAFIA	55
APÊNDICE	56

1. INTRODUÇÃO

Durante minha breve passagem pelo curso de Belas Artes da UFRRJ até os primeiros períodos no curso de Pintura da UFRJ, explorei temas que pouco conversavam com minhas próprias vontades, medos, devaneios, sonhos, e isso se tornou um ponto de incômodo muito forte na minha cabeça. Senti que havia a necessidade de buscar objetos de interesse mais contundentes e que falassem mais sobre mim, digo, até então eu sabia que gostava de pintar figurativo, e só. Isso não era mais o suficiente, foi quando um feliz reencontro com o mundo da joalheria me abriu as portas, ou melhor, me deu a direção para as pontes.

A joalheria artesanal é um ofício que conversa diretamente com diversas formas de expressão artística tradicionais e contemporâneas. Por exemplo, a dinâmica de produção de uma joia possui grandes semelhanças com o processo escultórico, no que diz respeito à modelagem, corte, entendimento tridimensional; com o pictórico, através do uso de pigmentos próprios e as variações cromáticas dos metais e das próprias gemas; com a gravura, quando há necessidade de se desbastar e gravar o metal como recurso criativo, entre outras.

Assim, surgiu a oportunidade de unir três coisas que amo incondicionalmente: minha família, a ourivesaria, e a pintura. A partir das obras desenvolvidas na disciplina de Pintura III (Figura 1), passei a ver objetos do dia a dia do ateliê e da minha vida, que muitas vezes passavam despercebidos, como figuras de protagonismo. Isso definitivamente não é nada inovador, mas foi crucial para entender o que eu queria de fato com essa pesquisa. Afinal, atribuir importância aos objetos é uma consequência das relações humanas ligadas às ideias de valor e memória. E é por causa desses conceitos que eu me propus a desenvolver as joias da minha própria família.

Em suma, o objetivo principal deste projeto é apresentar a criação e desenvolvimento de uma série de quatro joias de família, dos desenhos no papel até a execução final, em prata esterlina. Dada a natureza do curso, a pintura terá protagonismo no trabalho, estando presente não só na renderização do *design* das joias no papel, em guache e aquarela, como também na produção de telas a óleo de gênero figurativo, retratos de cada membro da família utilizando seus respectivos acessórios.

Portanto, o desdobramento da pesquisa será feito em três frentes: inicialmente, algumas reflexões acerca de conceitos mais teóricos envolvendo o ser humano e a atribuição de valor comercial e sentimental aos objetos, em especial, às joias. Em seguida, um pouco sobre o começo dessa paixão pela joalheria, alguns nomes que me inspiram e o processo de confecção das peças, incluindo ilustrações dos procedimentos presentes na ourivesaria, desde a fundição do metal até o último polimento. Por fim, o desenvolvimento das pinturas a óleo, minha, dos meus pais, e do meu irmão.



Figura 1: Pinturas de objetos. Fonte: autoria própria.

2. JUSTIFICATIVA

A joalheria está presente na vida de todas as pessoas, em todos os lugares, o tempo todo. No colar que passa de geração em geração, nas alianças que simbolizam a união de pessoas, nos anéis com brasões de família, no misticismo, nos artefatos das mais diversas religiões, nas casas mais pobres e nas mais ricas. A Joalheria não é só sobre luxo, metais nobres e pedras preciosas, é, principalmente, sobre memória, identidade e registro histórico.

Em paralelo temos a pintura, igualmente presente em nosso cotidiano: nos quadros mais valiosos do mundo e nos mais genéricos, nos livros, jornais e revistas, no interior de nossas casas e a céu aberto nos grandes prédios, muros e construções urbanas. Por trás da criação de quase tudo, lá está ela. Nas galerias e nos subúrbios, assim como as joias.

São inúmeras as semelhanças entre essas duas formas milenares de expressão criativa, e uma das principais diz respeito ao modo como devem ser tratadas: como objetos históricos. O que menos importa é se uma peça foi feita de platina, ouro, prata, ou cobre, se possui diamantes, rubis, esmeraldas, safiras ou zircônias. Assim como é possível extrair de uma tela diversas informações a respeito do tempo em que foi pintada, um bracelete ou colar também pode carregar inúmeras informações culturais.

Abaixo (Figura 2), por exemplo, pode-se destacar o abismo e também as similaridades que existem entre duas joias produzidas em momentos distintos da história da humanidade. Na primeira, o bracelete egípcio da Rainha *Ahhotep* (c. 1539–1075 a.C.) em ouro maciço 24K¹, que possui precisão técnica análoga aos dias de hoje, e ao mesmo tempo representa uma identidade visual própria daquela cultura, com toda a simbologia dos hieróglifos e minérios utilizados. Em contrapartida, o bracelete *Bone*, da década de 70, produzido pela designer italiana Elsa Peretti para a *Tiffany & Co*, que marca um tempo recente onde já havia discussões artísticas envolvendo *design* e questões mais conceituais, como formas mais simples e orgânicas.

¹ “K” indica quilates, isto é, a pureza do ouro. 24 quilates é a classificação do ouro puro.



Figura 2: à esquerda: bracelete egípcio da Rainha *Ahhotep*, à direita:bracelete *Bone – Tiffany & Co.*

2.1. Memória

Como linguagem, a ourivesaria sempre esteve no espaço e no tempo, facilitando a compreensão das relações sociais desde os momentos mais antigos dos quais se tem registro, na formação do processo civilizatório, revelando características culturais e modo de vida da sociedade. Ao longo da história, as joias foram símbolo e afirmação de desigualdade e hierarquias sociais, uma vez que se tratavam de objetos de luxo, relacionados especialmente ao seu valor monetário. No entanto, elas também são, como fruto de uma expressão artística, carregadas de sentimentos, memórias, ideias e simbolismos, o que ultrapassa os muros da vaidade.

Sobre a perspectiva de Karl Marx (1988), uma joia apenas como objeto de luxo possui valor de troca e, após “receber” uma família, passa a ter um valor de uso. Entretanto, é possível que, dentro desse grupo, o objeto passe a se tornar mais valioso que outros, por ter pertencido a alguém considerado especial, por ser um registro de uma lembrança, etc. Nesse sentido, o adorno passa a ter valor de elo

(CAILLÉ, 1998), isto é, carrega algo singular de tamanha importância para a família a ponto de se tornar uma coisa que não se vende e não se compra, mas se guarda.

Segundo a antropóloga americana, Anette Weiner (1992), esse tipo de bem seria o que ela chama de *posse inalienável*, objetos de valor emocional ou sagrado que são inegociáveis. A autora elaborou também o paradoxo de *keep-while-giving* (WEINER, 1992)., algo no sentido de “conservar enquanto se repassa”. Ao mesmo tempo que uma pessoa mantém consigo um artefato sentimentalmente valioso, ela também passa adiante outros para que sejam mantidos por gerações futuras, é uma espécie de ciclo de perpetuação da memória.

Weiner faz essa distinção entre duas esferas, bens que seriam inalienáveis e alienáveis, ou seja, de maior e menor valor. Contudo, Maurice Godolier (2001) dá um passo além, e complementa o paradoxo:

Mas o social também não é a simples justaposição nem mesmo a adição destas duas esferas, a alienável e a inalienável, pois a sociedade só nasce e se mantém pela união, pela interdependência dessas duas esferas e por sua diferença, sua autonomia relativa. A fórmula do social não é, portanto, *keeping-while-giving*, mas *keeping-for-giving-and-giving-for-keeping*. Guardar para (poder) dar, dar para (poder) guardar. Adotar este duplo ponto de vista permite, a nossos olhos, tomar a verdadeira medida do ser social do homem e das condições de qualquer sociedade. (GODOLIER, 2001, p.58)

Embora signifiquem coisas distintas, o ato de dar e guardar se complementam, uma vez que algumas coisas devem ser guardadas para que outras possam circular. O objeto é dado porque dar concede a posse, correto? Mas por que ele é mantido pela pessoa que recebe? No caso das joias da família, a relação que se cria com o adorno é de que ele nunca deixou de ser do dono original. Por exemplo, um colar que pertencia à minha bisavó continua sendo dela, independente de quem o usa posteriormente, e é por isso que seu valor é mais alto. Ou seja, o objeto é dado com a condição de ter sua origem sempre lembrada pelos futuros portadores.

Dessa forma, é “assinado” um contrato simbólico em que o novo “dono” daquele objeto se compromete a cuidar dele e de sua memória, tendo como principal dever a manutenção da sua integridade, para que ele siga passando de mão em mão ao longo das gerações, contando um pouco da história de todos que já o portaram mas, principalmente, de seu dono original.

2.2. Referências artísticas

De modo geral, pessoas que atuam profissionalmente em áreas de criatividade buscam a todo instante por estímulos visuais, referências ou centelhas. Aqui neste tópico, serão destacados alguns grandes criadores, de séculos passados e contemporâneos, que foram fonte de inspiração e estudo para a realização deste trabalho.

Ao longo do tempo, inúmeros artistas que se consagraram como importantes mestres da pintura também se aventuraram na bancada de ourivesaria. Alguns por influência familiar desde cedo, outros mais tardiamente movidos pela curiosidade de dar um passo além, ultrapassar a zona de conforto e buscar novos desdobramentos para suas criações, que talvez não coubessem num papel ou tela, mas sim no metal.

Um dos gravadores e pintores mais relevantes do século XVI, Albrecht Dürer, nasceu em uma família de ourives. Seu pai, Albrecht Dürer, o Velho, já possuía uma oficina e o introduziu, na época com doze anos, à profissão. Os procedimentos de fabricação das peças possuem fortes semelhanças com a gravura, e foi assim que o artista teve o primeiro contato com ferramentas características da área, como o cinzel. Abaixo (Figura 3), um estudo da Coroa Imperial do Imperador Romano-Germânico (1510) e, ao lado, detalhe do retrato de Carlos Magno utilizando o adorno.



Figura 3: à esquerda: estudo da Coroa Imperial do Imperador Romano-Germânico; à direita: retrato de Carlos Magno (detalhe).

Já no século XX, por exemplo, um dos pintores mais excêntricos da história da arte, o espanhol Salvador Dalí, também adaptou sua temática surrealista à alta joalheria. Foi um casamento perfeito, pois as criações subjetivas e muitas vezes 'bizarras' entraram em comunhão com as simbologias do ouro e das gemas preciosas. Ultrapassar os limites do campo bidimensional e explorar os aspectos escultóricos desta linguagem foi um marco para seu legado artístico, destacado pela curiosidade de se aventurar em diversas áreas.

No entanto, ao contrário do que muitos acreditam, Dalí não desempenhou a função de ourives no projeto, isto é, não fabricou de fato as joias. Todas elas foram desenhadas por ele, e enviadas aos joalheiros nova-iorquinos *Alemany & Ertman*, que sob as orientações do artista deram vida às coleções (Figura 4).



Figura 4: à esquerda: joias idealizadas por Salvador Dalí; à direita: resultado da parceria com *Alemany & Ertman*.

Uma das minhas maiores referências contemporâneas da joalheria artesanal é o designer e ourives Reubin Simantov, de Massachusetts, EUA. Na contramão da tendência de produção em massa automatizada do mercado mundial, o artista baseia seu trabalho em coleções de peças únicas ou de tiragem pequena, relíquias produzidas a mão a partir de técnicas milenares do ofício.

Abaixo (Figura 5), o anel *Maple Tree*, produzido em ouro 18K, com esmaltação verde e turquesa persa, e a *Jeweled Box R Simantov*, produzida em ouro 18K e prata esterlina, com uma safira amarela de aproximadamente 260 quilates.



Figura 5: à esquerda acima: Anel *Maple Tree*; direita acima e abaixo: *Jeweled Box R Simantov*.

3. MAISON QUIMERA

A minha jornada na ourivesaria teve início há muitos anos atrás, sem eu saber. Minha Tia Marilda é uma amante do universo artístico, por muito tempo trabalhou na área, como curadora em galerias, inclusive de fora do país. Sua paixão pela arte se estendia para diversos campos, e um deles era a joalheria. Amante da cor verde e dos mais diversos minerais que a terra pode nos oferecer, ela sempre colecionou gemas. Durante minha infância me presenteava com algumas delas, as quais eu guardava em uma caixinha azul (Figura 6).

O tempo passou, mas em uma das curiosas voltas da vida, eu tive a oportunidade de revisitar essa caixa já na minha fase adulta. Nela havia cristais, pedras brutas e lapidadas, algumas inclusive já em forma de berloque. Embaixo de tudo, um frasco de perfume cravejado da minha bisavó e uma pequena cartela da *H. Stern* (Figura 7) com cinco pedras sem lapidação: uma água-marinha, um citrino, uma ametista, uma turmalina e uma esmeralda. Percebi que precisava fazer algo com aqueles presentes do passado.

A partir disso, o objetivo se tornou encontrar formas de transformar essas joias da natureza em algo novo, que pudesse ser visto pelo mundo nos dedos, orelhas e pescoços das pessoas. No caminho pude contar com a orientação e o conhecimento de brilhantes artesãos e designers, a quem sou muito grato, e hoje me dedico ao desenvolvimento do meu projeto pessoal, a marca de joias autorais *Maison Quimera*.

Um dos valores inegociáveis do projeto tem ligação direta com este TCC: a produção artesanal, com envolvimento humano e contato com as peças em todas as etapas de criação, do esboço até a arte final, da fundição até o último polimento. A palavra francesa *maison* significa “casa”, e o uso do termo faz parte de uma tradição das marcas e ateliers de alta costura, joalheria e relojoaria, que normalmente eram negócios de família.

Já a quimera trata-se de uma figura mitológica da cultura grega, que consiste em um ser híbrido formado pela mistura de outros seres de forma heterogênea. Esse animal é representado comumente como um leão com corpo de cabra e cauda de serpente. A escolha desse animal para dar nome ao projeto vem justamente do que ele representa: a mistura, a pluralidade, essa combinação de diversas referências de atividades, como a pintura, escultura, gravura, poesia, etc.

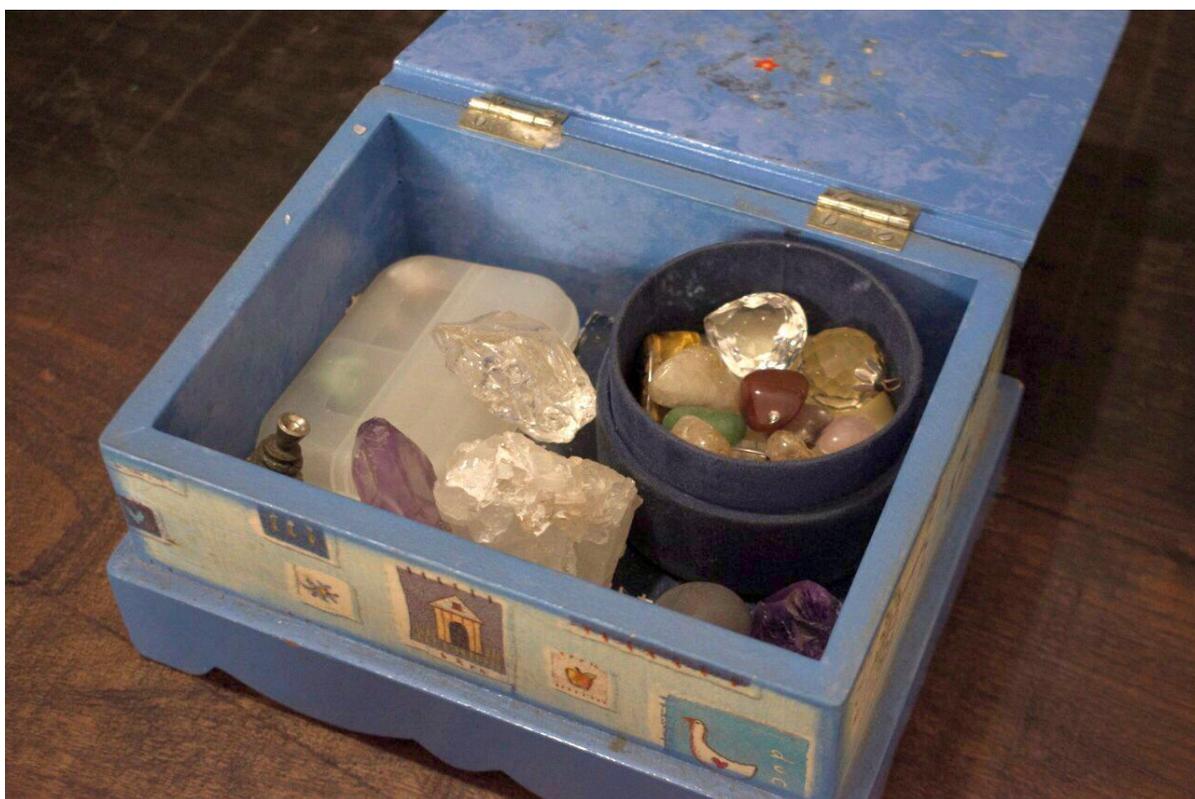


Figura 6: Caixinha de gemas e pedras preciosas. Fonte: acervo pessoal do autor.



Figura 7: à esquerda: cartela de pedras preciosas brutas *H. Stern*; à direita: frasco de perfume da minha bisavó. Fonte: acervo pessoal do autor.

3.1. Joalheria na Pintura

Existe uma razão pela qual a joalheria esteve historicamente atrelada às pinturas dos mais diversos artistas, de culturas completamente diferentes e em épocas totalmente distintas: elas, como acessórios, sempre fizeram parte do cotidiano das pessoas de todos os lugares do globo. É claro que esses artefatos também carregam significados e simbologias próprias de seu tempo e local de criação, seja no sentido de indicar classes sociais, poder, autoridade, divindade, etc. Mas o principal é que, assim como as roupas do corpo, elas também estavam lá, sendo parte da identidade singular de cada indivíduo. Logo, se tornaram naturalmente mais um elemento a ser representado nas telas.

Considerando que os artistas não têm nem nunca tiveram compromisso algum com a realidade, em muitos casos é difícil saber se aquelas vestimentas e acessórios representados nos quadros existiram de fato ou não, especialmente naqueles em que as obras foram produzidas há muitos séculos passados. No entanto, existem registros

de pinturas que resistiram ao tempo e, mais importante, não se desvincularam de suas respectivas joias físicas. Um bom exemplo desse cenário são algumas obras do pintor italiano Dante Gabriel Rossetti.

Rossetti é uma figura muito conhecida no meio artístico. Ele, juntamente com outros pintores na Inglaterra do século XIX, criou a Irmandade Pré-Rafaelita, um grupo fundamentado em ideais contrários à tendência da arte acadêmica da época, que se baseava em estruturas e narrativas típicas dos artistas do Renascimento. Como o próprio nome revela, o objetivo principal do coletivo era retomar uma forma de arte anterior a Rafael, mais pura e autêntica segundo eles, sem os padrões e métodos impostos pela academia.

Uma das principais características das obras de Dante é a grande quantidade de joias em suas composições. Normalmente, as modelos são representadas utilizando várias peças de uma só vez. É sabido que o artista mantinha em casa um armário repleto de adereços, que eram revisitados sempre que uma nova obra se iniciava. Em *The Blue Bower* (1865), é possível identificar um broche em formato de coração com três gemas coloridas (Figura 8), que na ocasião foi usado como pingente. A joia fazia parte de sua coleção pessoal.



Figura 8: à esquerda: Gabriel Rossetti, *The Blue Bower* (1865), à direita: broche em formato de coração.

3.2. Pintura na Joalheria

A situação inversa também ocorre, isto é, da mesma maneira que a pintura se inspira nas criações dos ourives, a joalheria trata de adaptar o universo pictórico aos seus artefatos. O resultado desta ‘antropofagia’ entre linguagens artísticas é a mudança não só no tamanho e escala da pintura, mas no espaço que ela ocupa: ora instalada nas paredes dos museus, galerias e casas, ora nos pescoços, orelhas e dedos das pessoas, vendo o mundo sob a perspectiva de seus donos.

Abaixo, dois exemplos contemporâneos desse intercâmbio criativo (Figura 9). A nova coleção da renomada casa de alta joalheria *Sauer*, antiga *Amsterdam Sauer*, dialoga diretamente com a produção de uma das mais importantes artistas modernistas do Brasil: Tarsila do Amaral. No colar que é símbolo do projeto, o autorretrato da pintora em aquarela ganha nova versão, também pintada a mão, como pingente. Ao lado, um protótipo de anel hexagonal com olho pintado à óleo por mim diretamente sobre o metal.



Figura 9: à esquerda: Sauer: Colar Autorretrato – Coleção Tarsila. À direita: protótipo de anel hexagonal Olhares.

Entretanto, esse não é um recurso exatamente inovador, existem registros muito antigos dessa forma de intervenção da pintura em objetos e acessórios. Era muito comum entre famílias nobres e principalmente a realeza da Europa a encomenda de joias que possuísem retratos de indivíduos importantes das casas, não apenas como demonstrativo de riqueza e poder, mas também pela simbologia que há em “fixar” uma pessoa querida em um adorno precioso, especialmente num tempo pre-fotográfico.

Um bom exemplo que ilustra essa arte é a miniatura em ouro (Imagem 10) com o retrato do príncipe consorte do Reino Unido, Albert (1819-1861), produzida em 1840, pouco antes de seu casamento com a rainha Vitória (1819-1901). Posteriormente, foi adicionado um bracelete e uma concha com o rosto da rainha. A ideia desse tipo de adorno segue a linha de camafeus clássicos, a principal diferença é que, ao invés do aspecto escultórico e entalhes em pedras, a pintura é que ganha protagonismo.



Figura 10: bracelete em ouro com retrato do príncipe consorte do Reino Unido, Albert, e rainha Victória.

4. A OURIVESARIA

A ourivesaria é a arte dos metais nobres, uma das atividades artísticas mais antigas da humanidade. Existem registros de ornamentos em ouro encontrados em sítios arqueológicos que datam de milhares de anos antes de Cristo. É impressionante pensar que numa era tão longínqua e tão rústica em termos de tecnologia era possível desenvolver objetos de tamanha complexidade. É uma responsabilidade enorme dar continuidade a essa história.

O ofício do ourives tem muito a ensinar às pessoas, pois envolve respeito ao tempo e paciência para a realização de cada etapa de produção. Uma ação precipitada ou imprudente pode acarretar não só na morte da peça, mas em situações de risco para o próprio artesão. Em minha bancada, tenho o costume de manter algumas plantas, com o intuito de me manter alerta constantemente, afinal, não é minha intenção machucar nenhuma delas. Percebi que dessa forma acabo sendo mais cuidadoso comigo, com o ambiente de trabalho e com as joias.

4.1. Os metais

Os metais nobres mais utilizados na joalheria são o ouro (Au^2) e a prata (Ag^3). Eles são considerados preciosos em virtude de sua raridade, propriedades físico-químicas e potenciais aplicações. Como é citado no livro da designer e ourives Rita Santos (2013), existem várias diferenças entre esses dois, como a cor, a densidade e o ponto de fusão, mas algumas características que fazem desses elementos tão ideais para a ourivesaria são:

Maleabilidade e ductilidade: respectivamente, nível de resistência que o metal tem de sofrer deformações sem se romper (fundamental para a produção de chapas na laminação), e grau de capacidade do elemento ser transformado em fio através do procedimento de trefilação.

² Sigla do ouro como elemento químico na tabela periódica.

³ Sigla da prata como elemento químico na tabela periódica.

Condutibilidade térmica: propriedade que diz respeito à capacidade que uma substância tem de conduzir energia em forma de calor, essencial para as etapas de fundição e soldagem.

Elasticidade e tenacidade: metais com alta elasticidade são capazes de retomar sua forma inicial após sofrerem algum tipo de deformação, o que é fundamental durante as torções feitas durante a fabricação de uma peça. Uma liga metálica muito elástica, por exemplo, é o aço, por isso é utilizada na confecção de molas. Já a tenacidade confere ao elemento resistência a pancadas e choques mecânicos, impedindo rupturas.

Resistência aos agentes atmosféricos: esse é um fator importantíssimo que impacta diretamente no valor dos metais nobres na joalheria. É natural que essas ligas metálicas reajam com elementos químicos da atmosfera, como o oxigênio, tendo por consequência a oxidação. O cobre e a prata oxidam com certa facilidade, já as ligas de ouro são bem mais resistentes. Um exemplo extremo é o ferro (Fe^4), que reage profundamente e é corroído pelo que chamamos de ferrugem.

Ambos são muito frágeis e macios em seu estado puro, portanto, é necessário a confecção de uma liga metálica mais resistente, ou seja, criar uma mistura de metais a fim de melhorar suas propriedades. Os padrões mais utilizados da prata são os de teor 925 e 950. Isso quer dizer que nessas ligas há 92,5% e 95% de prata pura, respectivamente, e o restante é composto normalmente por cobre (Cu^5).

O ouro possui um sistema diferente de pureza: os quilates, representado pela letra K. Em suma, 24K representa o ouro puro. Nas joias normalmente usamos o ouro 18K, significa que são 18 partes de ouro puro para 6 partes de outros metais, como prata e cobre. Por essa razão também é chamado de ouro 750, já que nessa liga metálica há 75% do elemento puro.

É importante saber que a palavra quilate possui um significado diferente no mundo das gemas preciosas, e é chamado de “ct”, abreviação de *carat* em inglês. Ao contrário de como é usado no ouro, aqui ele representa o peso, e não pureza. Nesse caso, 1 quilate (1ct) equivale a 0,20 gramas. Por exemplo: um diamante de 2 quilates (2ct) pesa 0,40 gramas.

⁴ Sigla do ferro como elemento químico na tabela periódica.

⁵ Sigla do cobre como elemento químico na tabela periódica.

4.2. Etapas básicas de produção

Este tópico tem como objetivo ilustrar de forma bem resumida e didática, alguns dos estágios mais importantes durante a concepção de uma joia. Nesse caso específico, as ilustrações são baseadas na produção de um anel *chevalier* em prata esterlina 925, um clássico da história da joalheria. É também chamado de *signet ring*, ou anel de sinete, por carregar comumente iniciais de nomes e brasões de família, com o intuito de ser utilizado na assinatura e autenticação de documentos e cartas.

É importante lembrar que todo processo envolve procedimentos, máquinas e ferramentas bastante perigosas, como o maçarico, utilizado na fundição e na soldagem, o laminador - especialmente o elétrico - usado na transformação dos metais fundidos em chapas e fios, o motor de chicote, que normalmente está acoplado com acessórios pontiagudos e cortantes, etc. Portanto, essas atividades só devem ser realizadas por profissionais, utilizando os EPI's necessários.

A fundição (Figura 11) representa o início de tudo, é o momento em que se transforma o metal bruto em uma liga metálica adequada para a produção das peças. A prata mil é colocada junto com o cobre num recipiente de material refratário chamado de cadinho, junto com um pouco de pó de *Bórax*⁶. Quando a liga atinge o ponto de fusão, é derramada em uma espécie de molde: a rilheira, que é responsável por dar o formato base para o metal ser transformado em chapa ou fio posteriormente.

Após a fundição e já com a pequena barra de prata esterlina pré-moldada, um equipamento chamado laminador (Figura 11) é o responsável por transformá-la em chapa ou fio. Ele é composto por uma série de engrenagens e dois cilindros giratórios, cuja tensão exercida resulta na redução de espessura do metal. No entanto, o processo de laminação diminui gradativamente a maleabilidade da liga, então é importante realizar um processo chamado de recozimento, que consiste no aquecimento da peça e seu resfriamento até a temperatura ambiente, sempre que necessário. O não recozimento do metal durante esse estágio ou qualquer outra etapa que exija deformação plástica pode resultar em fraturas e rachaduras.

⁶ Produto químico responsável por facilitar o processo de fundição do metal.

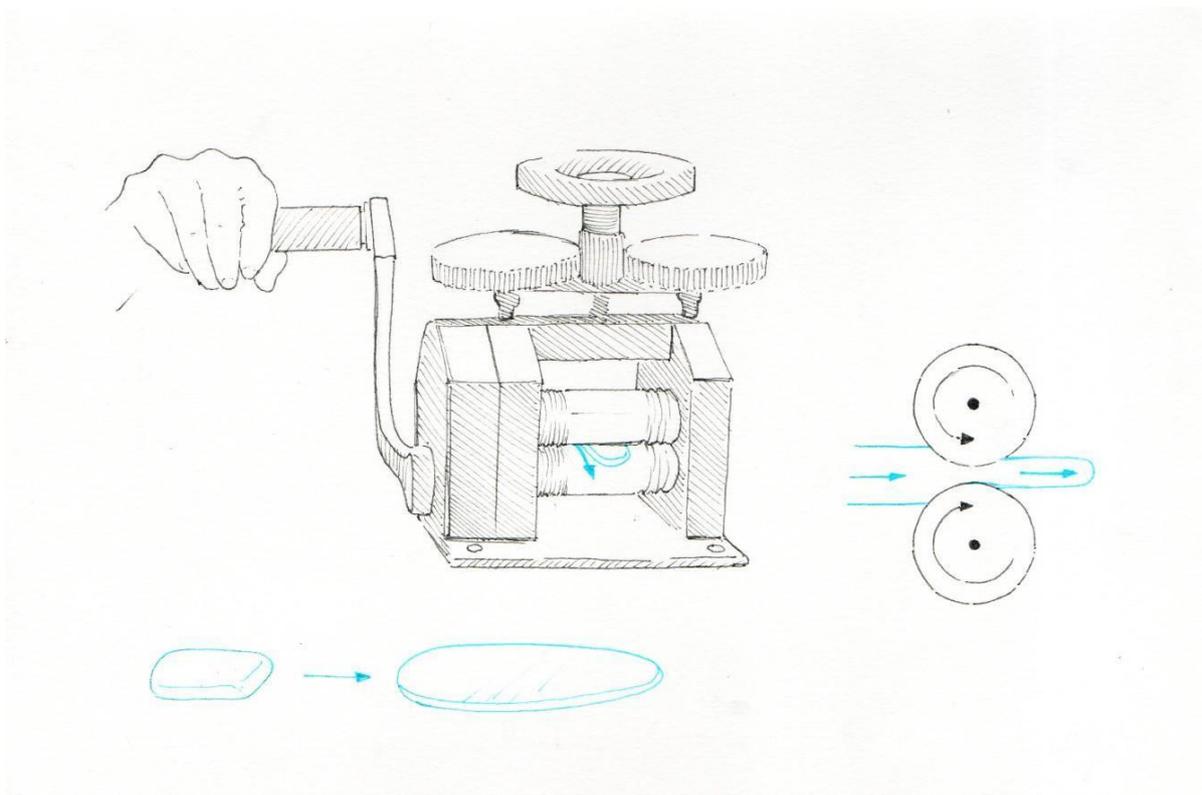
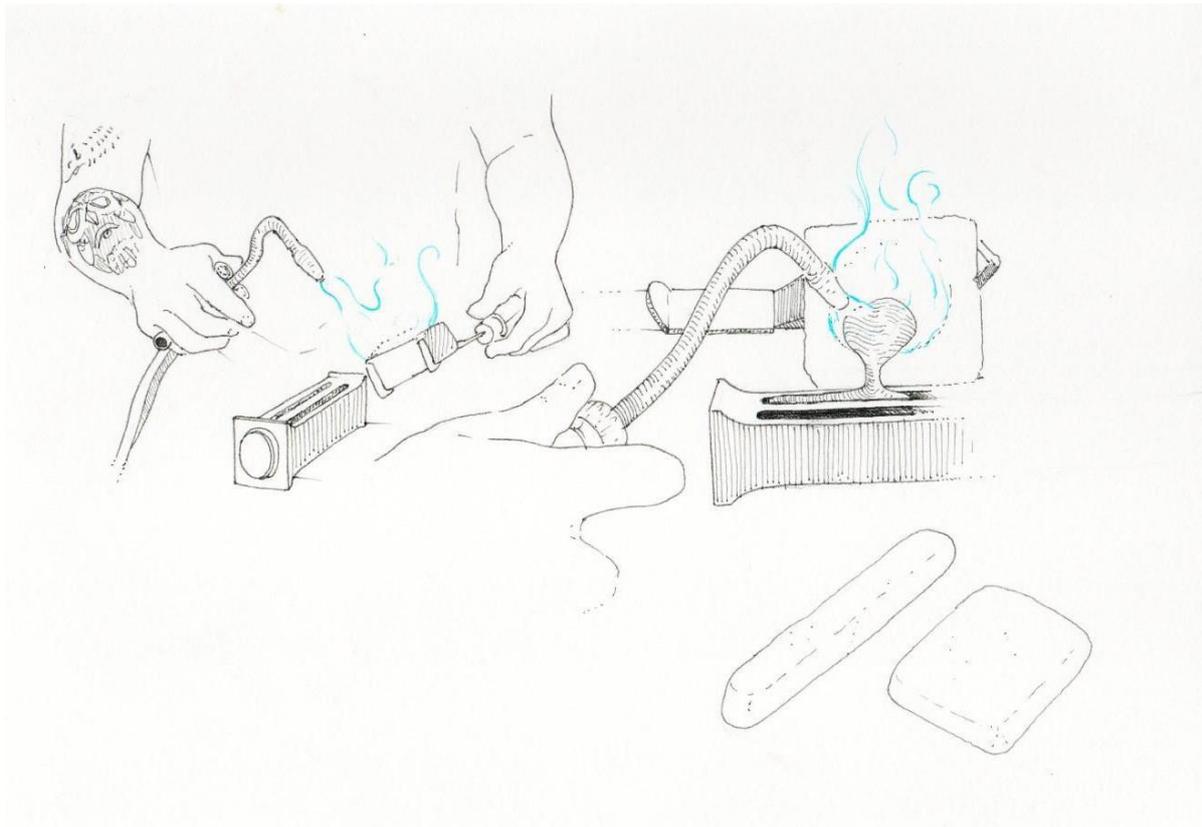


Figura 11: acima: ilustração do processo de fundição na ourivesaria; abaixo: ilustração do processo de laminação. Fonte: autoria própria.

Em seguida, com a chapa pronta, é a hora de fazer os cortes necessários (Figura 12). Para isso, é utilizado um arco de serra típico da ourivesaria, com serras que variam de acordo com o tipo de corte desejado, sendo ele mais fino ou mais grosso. Alguns cálculos são feitos para determinar as medidas do anel e o tamanho do desenho que deve ser feito na chapa. Então, é usada a técnica de corte curvo, em que o arco desce pressionando levemente a serra, e sobe afastando, seguindo a curvatura do desenho com a movimentação do punho. Com o desenho do anel recortado, é necessário recozer novamente o metal antes de dobrá-lo, para evitar danos físicos.

Assim que o aspecto do anel é modelado corretamente com a ajuda de alicates, de modo que suas áreas de conexão estejam encaixando perfeitamente, é preciso fazer a soldagem e unir suas estruturas (Figura 12). As soldas são substâncias metálicas fundíveis e possuem normalmente três variações: forte, média e fraca. Isso significa maior ou menor ponto de fusão. Em peças que necessitam de solda em vários pontos, a ordem a ser seguida é da mais forte para a mais fraca. No caso do anel *chevalier*, é usada a solda forte nas laterais, e a média para o topo. Soldada, a joia vai para uma ferramenta cônica de aço chamada *tribulet*, e é martelada ponderadamente até ficar com sua circunferência bem arredondada.

A partir dessa fase se inicia os procedimentos de acabamento mais finos (Figura 13). Todas as rebarbas e eventuais excessos de solda devem ser limados, existem vários tipos de lima: reta, meia-cana, redonda, quadrada, cada uma com suas características próprias para cada necessidade. Em seguida, é preciso lixar o anel. Cada ourives tem um método e usa um número de lixas, eu particularmente uso de quatro granulações diferentes para um acabamento de alta qualidade: 240, 320, 400 e 600. A última etapa é a de polimento, em que o aspecto brilhante é alcançado. Para isso os ourives recorrem às escovas de crina e de algodão, sempre com pastas abrasivas específicas. O anel está pronto.

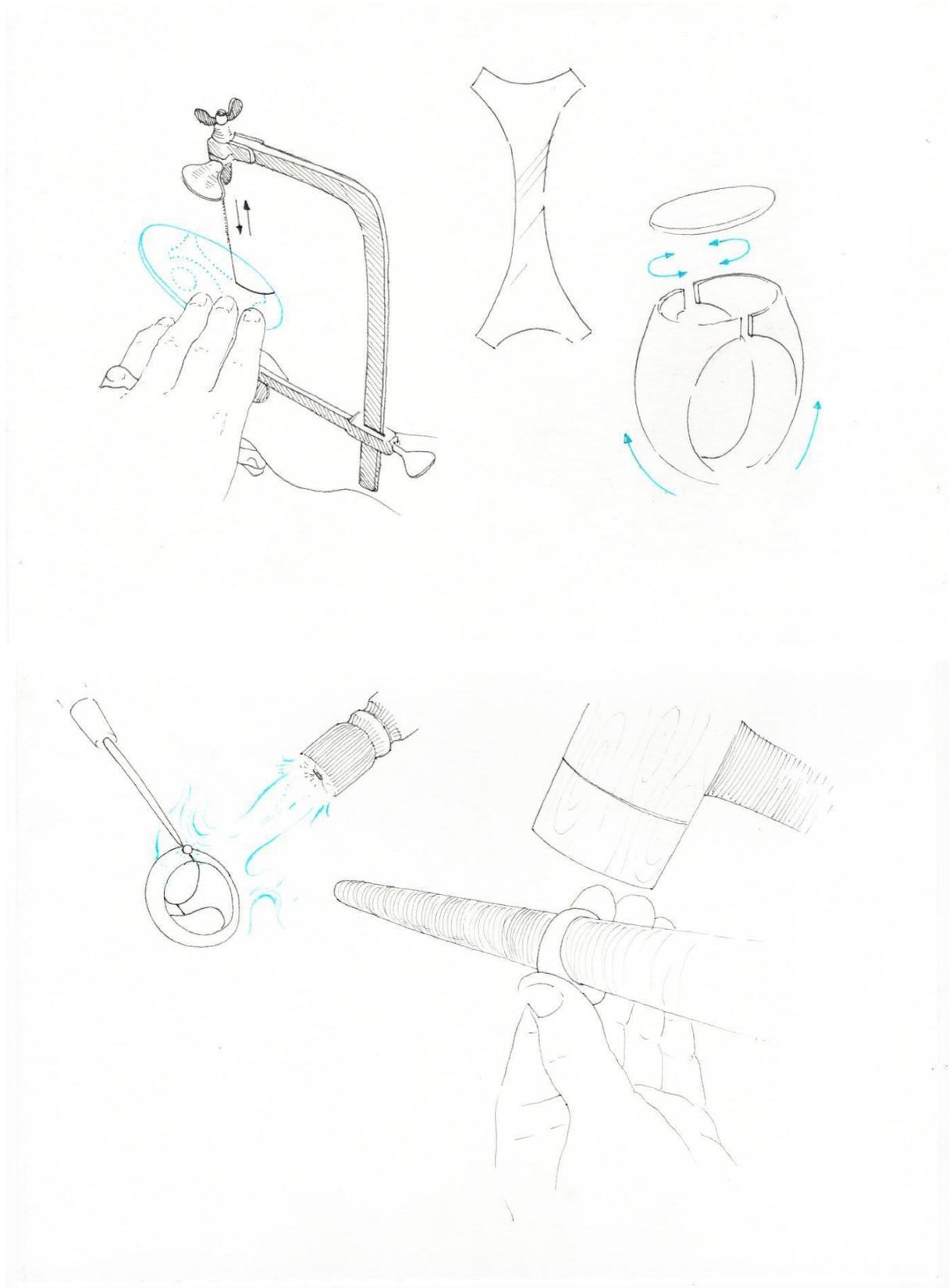


Figura 12: acima: ilustração do processo de corte do metal; abaixo: ilustração do procedimento de solda e modelagem interna do anel. Fonte: autoria própria.

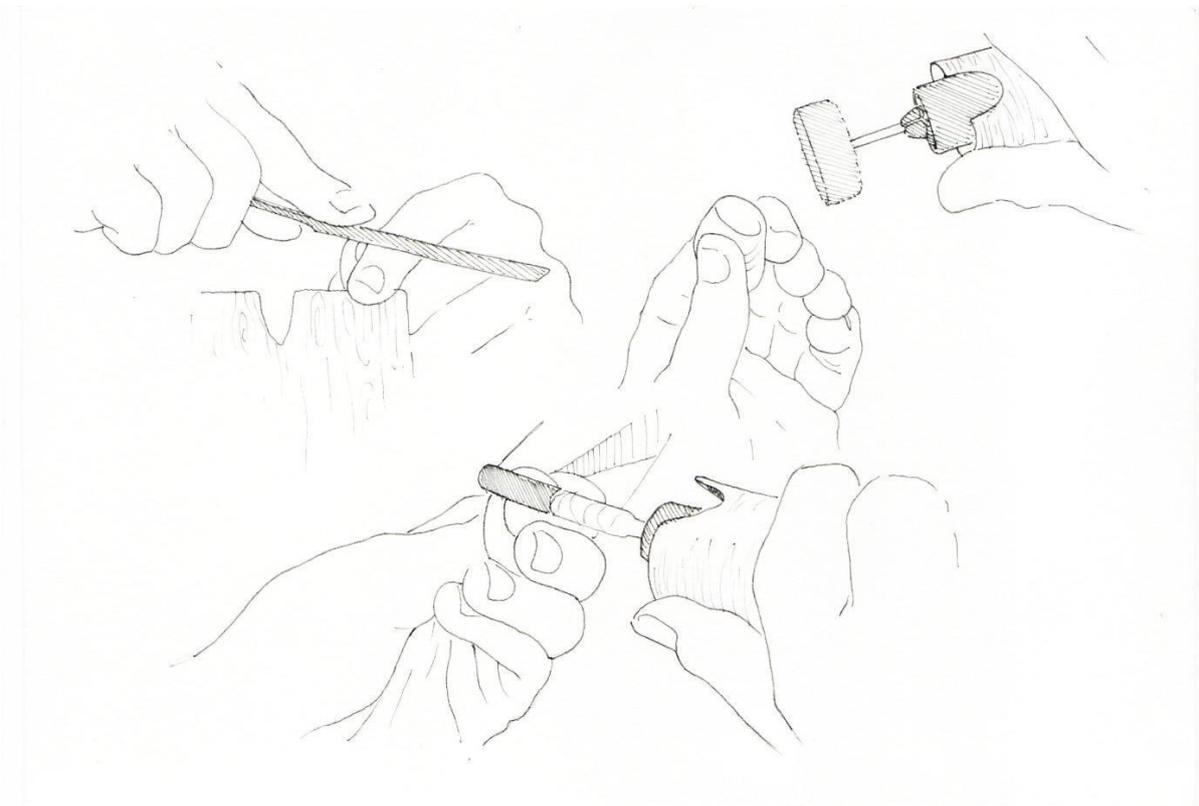


Figura 13: Ilustração do processo de acabamento fino, com o uso de limas, lixas e escovas de algodão. Fonte: autoria própria.

5. AS JOIAS

Como já foi abordado, as joias são registros de nossa identidade, dos nossos gostos e da forma como nos mostramos ao mundo. Logo, o desenvolvimento desses ornamentos para meus familiares seguiu um pilar muito importante: respeitar, acima de tudo, a singularidade deles. Ou seja, a escolha do modelo, da forma, das gemas e do caimento de cada peça foi feita em concordância com o que cada um queria.

Nesse projeto, antes e mais importante que buscar explicações conceituais ou poéticas para o *design* de cada obra, eu procurei criar joias que nos representassem, que usássemos de verdade, e que servissem como registro disso para as gerações futuras da família ou quem quer que venha a ter contato com elas lá na frente. As renderizações foram feitas em grafite e aquarela, e formam uma composição relativamente simétrica em pares quando em conjunto.

5.1. A.A.S.

Patrícia Andrea de Araújo Barbosa dos Santos, 56. Chame minha mãe só de Andrea, ela não gosta do primeiro nome. Inspiração máxima, amor incondicional. Definição clara e objetiva de mulher trabalhadora e independente, uma vida dedicada à educação. A escolha não poderia ter sido mais certa: um colar de pérolas com cristal de quartzo rutilado (Figura 15). É curioso, assim como as ostras transformam intrusos em pérolas, Andrea me ensina e me inspira diariamente, durante vinte e cinco anos, a transformar os meus intrusos em arte.



Figura 14: conceito/renderização de colar A.A.S. de pérolas, prata esterlina e cristal rutilado. Grafite e Aquarela sobre papel A4, 2022. Fonte: autoria própria.



Figura 15: Colar A.A.S. Prata esterlina 925, cristal de quartzo rutilado e pérolas de água doce. Fonte: autoria própria.

5.2. M.S.

Mario Roberto dos Santos, 61. Se você for íntimo, “Marinho”. Inspiração máxima, amor incondicional. Homem preto, trabalhador, filho da dona Teresa e Eugênio, que desde cedo rema contra a maré das estatísticas de um país racista que despreza a cultura e mata pela cor. E sobre cor, o anel em prata com o vermelho da granada, gema preciosa de cor sangue, que aqui pode representar sua luta para subir na vida e dar o melhor para os seus. Sempre.

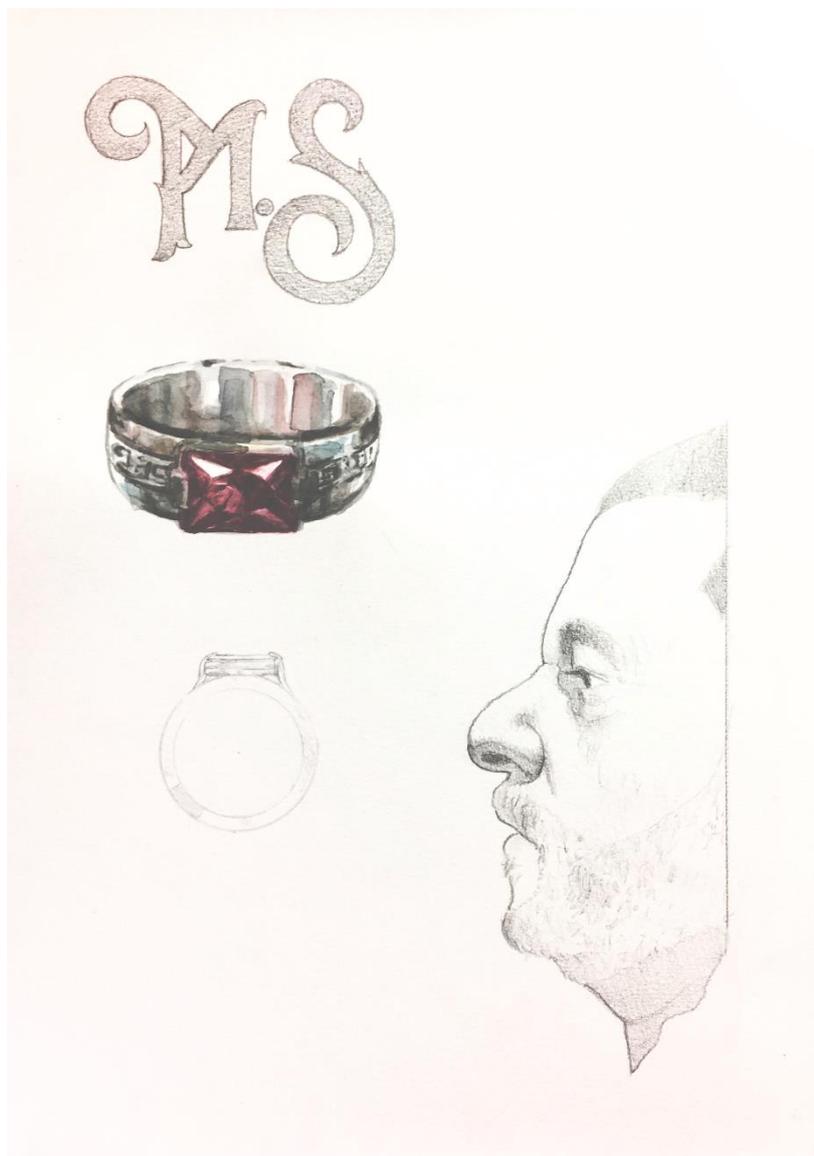


Figura 16: conceito/renderização de anel de prata esterlina e rubi. Grafite e aquarela sobre papel A4, 2022. Fonte: autoria própria.



Figura 17: Prata esterlina 925, rubi. Fonte: autoria própria.

5.3. L.S. & B.S.

Lucas Barbosa dos Santos, 24, e Breno Barbosa dos Santos, 19. Os irmãos. Personalidades distintas, sonhos grandes, é assim que nos vemos e nos respeitamos. Um é estudante de Pintura, o outro de Direito, nós brincamos: “todo joalheiro precisa de um advogado”. É verdade.

O anel L.S. é produzido em prata esterlina e topázio azul, cor que remete a lembranças felizes, como a minha caixinha de gemas. O anel B.S. é feito em prata esterlina e *inlay*⁷ de esmeralda brasileira bruta, pedra pela qual Jules Sauer⁸ era apaixonado.



Figura 18: conceito/renderização de anel de prata esterlina e topázio azul. Grafite e aquarela sobre papel A4, 2022. Fonte: autoria própria.

⁷ Técnica que consiste em preencher uma parte da joia com pedaços de pedra bruta e resina.

⁸ Fundador da joalheria Sauer.



Figura 19: Anel L.S. Prata esterlina 925, topázio azul. Fonte: autoria própria.



Figura 20: conceito/renderização de anel de prata esterlina com *inlay* de esmeralda natural. Grafite e aquarela sobre papel A4, 2022. Fonte: autoria própria.



Figura 21: Anel B.S. Prata esterlina 925 e *Inlay* de esmeralda.
Fonte: autoria própria.

6. AS PINTURAS

Memória e registro, esse eram os pilares do trabalho. A ponte entre a joalheria e a pintura não tinha como pretensão dar maior protagonismo a uma ou a outra. É uma via de mão dupla que conta uma história. Foi assim na produção das joias, e não poderia ser diferente na execução das telas. Não me preocupei em dar grande destaque às peças nos retratos pois, assim como nas pinturas de Rossetti, elas estavam ali representadas, e esse era o fator fundamental. A ênfase não deveria estar nas joias, mas sim nas pessoas.

Começando pelas medidas, as telas possuem tamanhos diferentes, 68x84cm e 80x100cm (sendo essa a dos retratos dos meus pais). A cor predominante de cada obra deveria seguir uma lógica: ter relação com a joia fabricada. Essa ideia é respeitada no retrato dos irmãos (Figuras 27 e 30), e invertida no dos pais (Figuras 22 e 26). Essa decisão foi tomada a partir da escolha da roupa que a minha mãe queria usar, no caso, um sobretudo vermelho.

Ainda pensando na composição dos quadros, procurei encaixar outros elementos que pudessem dar mais informações sobre quem somos, o que gostamos e o que queremos. Um ponto em comum é o nosso costume de beber juntos. As bebidas na minha família não representam apenas os momentos de união e gratidão pelo que já foi conquistado, mas também o desejo de voar cada vez mais alto.

A preparação dos fundos foi feita com uma cor base alcançada a partir da mistura de *Amarelo Ocre 53 G1 (PY42/PW6)* e *Terra de Siena Queimada 63 G1 (PR101)*, com exceção do meu autorretrato, que teve como cor de fundo uma tonalidade de *Azul Celeste 67 G1 (PB15.1 - PY74 - PW6)* bem diluída. Em todas as pinturas a paleta foi bem similar, as tintas utilizadas foram: *Vermelho de Cádmio 42 G3 (PR108)*, *Amarelo de Cádmio 36 G3 (PY35)*, *Azul Ultramar 68 G1 (PB29)*, *Azul Celeste 67 G1 (PB15.1 - PY74 - PW6)*, *Preto 65 G1 (PBK7)*, *Branco Titânio 102 G1 (PW6)*, *Verde Esmeralda 73 G1 (PG7)* e *Prata (PM 1)* fazendo alusão ao metal das joias.

6.1. A Mãe

Pintar é assustador, quase traumático. Me impressiono quando ouço alguém dizer que é uma atividade terapêutica ou relaxante. Dependendo do trabalho, são horas tentando resolver problemas matemáticos em forma de cor. Então pintar a minha mãe não foi uma tarefa fácil. E parece que há algo único no ato de representar alguém que você ama em uma tela que torna o processo ainda mais difícil.

O retrato da Andrea (Figura 22) rompe com o padrão dos outros em dois pontos: primeiro, a cor predominante, como já foi mencionado, e segundo, pelo objeto que ela segura: uma flor (Figura 24). A escolha foi muito espontânea, sem muitos significados conceituais. Numa conversa que tivemos sobre como gostaria de ser representada, ela pegou o vaso e já fez a pose. Não teria como ser mais natural, então foi perfeito.

Jóias e acessórios fazem parte do cotidiano da minha mãe, a consequência disso foi a presença de algumas delas, como piercings e brincos na orelha, além do colar de pérolas no pescoço (Figura 23). O anel “Esfera”, também feito por mim, pode ser visto na mão direita (Figura 24), a aliança na mão esquerda (Figura 24).



Figura 22: Andrea. Óleo sobre tela. 80x100cm, 2022. Fonte: autoria própria.

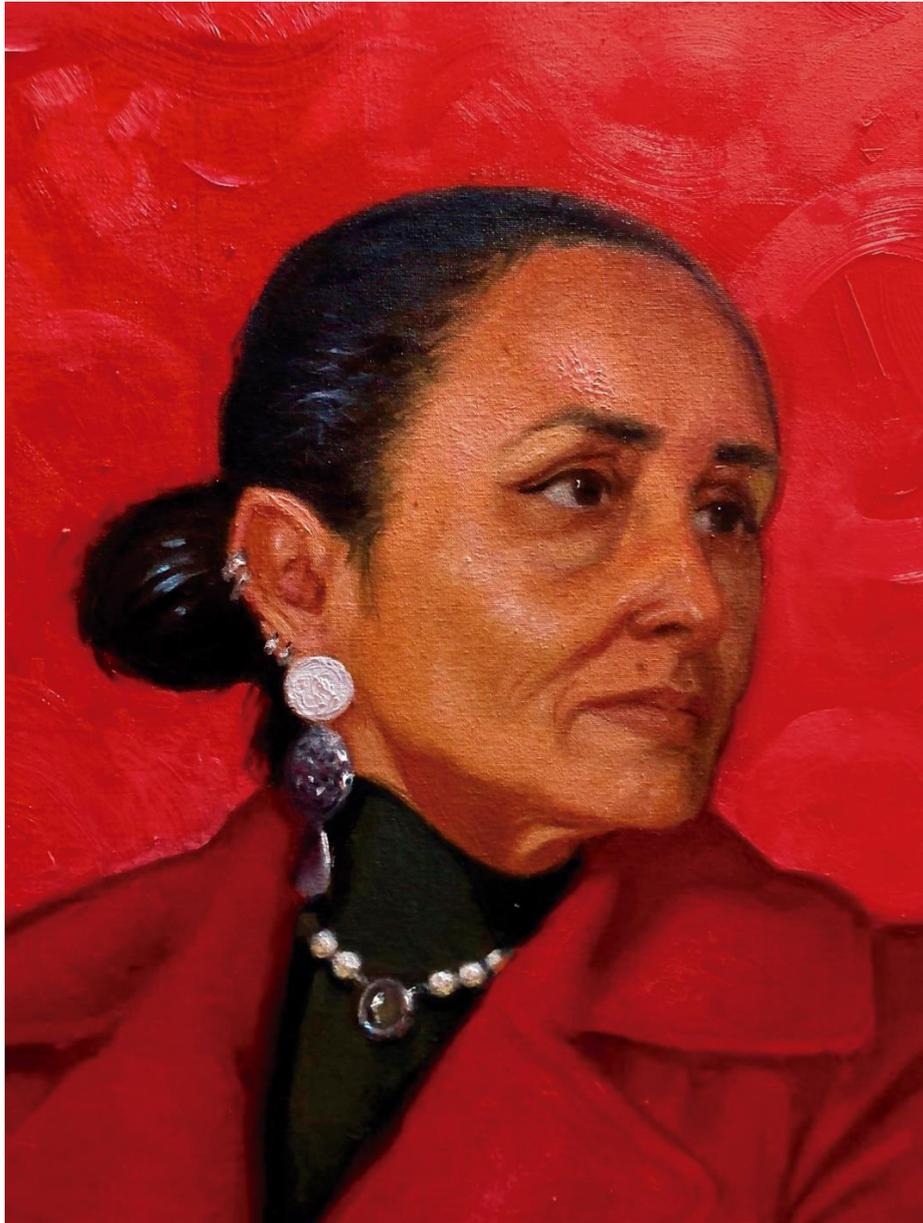


Figura 23: Acima: busto Andrea (detalhe); abaixo: colar A.A.S. Fonte: autoria própria.



Figura 24: acima: Andrea, detalhe das mãos e vaso de flor; abaixo: anel Esfera, prata esterlina 925. Fonte: autoria própria.

6.2. O Pai

Meu pai adora tirar fotos, mas não dele. Em Teresópolis, nós moramos em um bairro bem alto e todos os dias de manhã, sem exceção, ele tira uma foto da vista do portão de casa quando sai para trabalhar. Então foi um desafio especial, não só capturar imagens dele, mas também mostrar a minha perspectiva, o meu olhar através da tinta e do pincel. Em relação a escolha da vestimenta, o *blazer* foi uma sugestão dele. É uma roupa que gosta bastante, mas não usa com muita frequência. Uma imagem relativamente rara.

As únicas joias que o meu pai usa no dia a dia são: a aliança de casamento e um colar de crucifixo feito por mim que não aparece representado na tela (Figura x). Um dos seus prazeres é a cerveja, então esse certamente é um elemento que não poderia ser ignorado. No seu retrato, a taça da cervejaria *Therezópolis* (Figura 27).

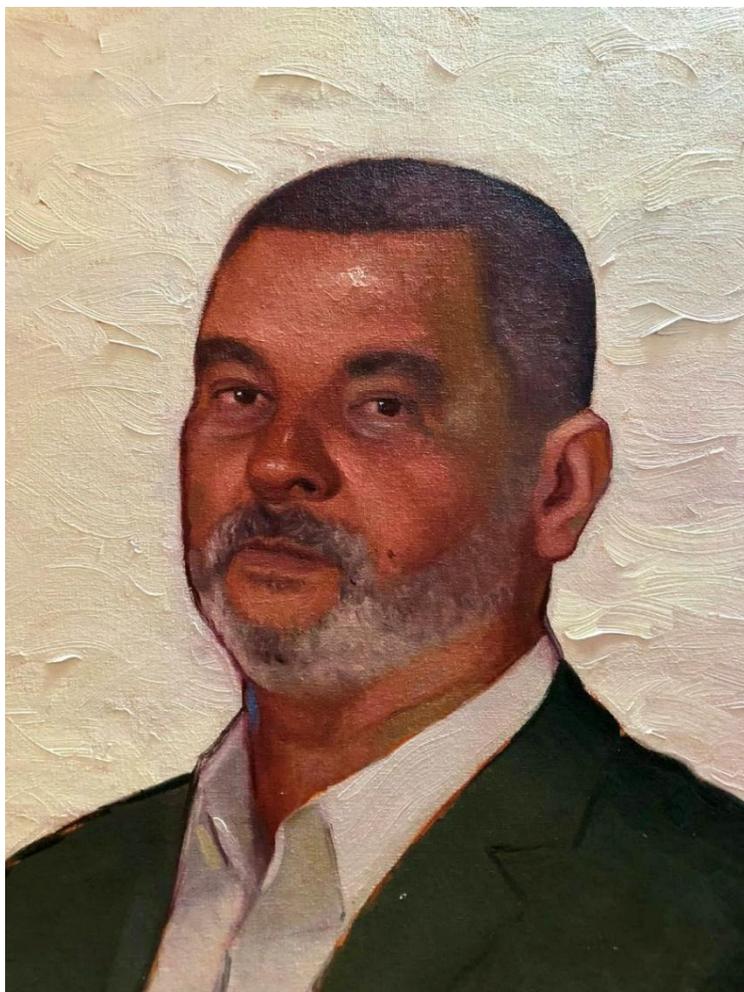


Figura 25: Mario, detalhe do rosto. Fonte: autoria própria.



Figura 26: Mario, óleo sobre tela. 80x100cm, 2022. Fonte: autoria própria.



Figura 27: acima: Mario, detalhe das mãos, anéis e taça; abaixo: anel M.S., prata esterlina 925 e granada. Fonte: autoria própria.

6.3. Os Filhos

Seguindo o padrão proposto inicialmente, a pintura dos filhos segue a lógica da cor dominante das joias de cada um. O retrato do meu irmão (Figura 28) é inspirado em tonalidades de verde encontradas em diferentes tipos de esmeralda: brasileira, indiana, colombiana, etc. Breno é muito ligado à moda do *streetwear*, sendo assim, para a composição da obra escolhemos uma jaqueta de pluma da marca *The North Face*. Sobre as joias, é possível identificar seu escapulário, brinco, e o anel de esmeralda. O *Whisky Chivas 21 Royal Salute* na mão direita (Figura 29) é mais um elemento que representa suas ambições.

O meu autorretrato foi feito com base no *Azul Celeste 67 G1* (PB15.1 - PY74 - PW6), uma cor que se aproxima de tonalidades encontradas em gemas de água-marinha e topázio, e que me traz algum tipo de conforto emocional. É uma tonalidade também presente na minha antiga caixinha de gemas (Figura 6), talvez isso tenha alguma correlação no meu inconsciente. Sobre a roupa, a camisa polo azul *Lacoste*, que na realidade é amarela. As joias presentes na pintura são três: o anel em prata 925 com topázio azul (Figura 32), o anel em ouro 18K e Turmalina (Figura 32), e um anel *chevalier* que aparece parcialmente na mão esquerda. O relógio no pulso é um *Fendi 900G* da década de 1990 (Figura 33) e a garrafa de vinho *Porto Cruz Tawny* (Figura 32) é um presente do meu Tio Fábio, irmão mais novo do meu pai.



Figura 28: Breno, óleo sobre tela. 68x84cm, 2022. Fonte: autoria própria.

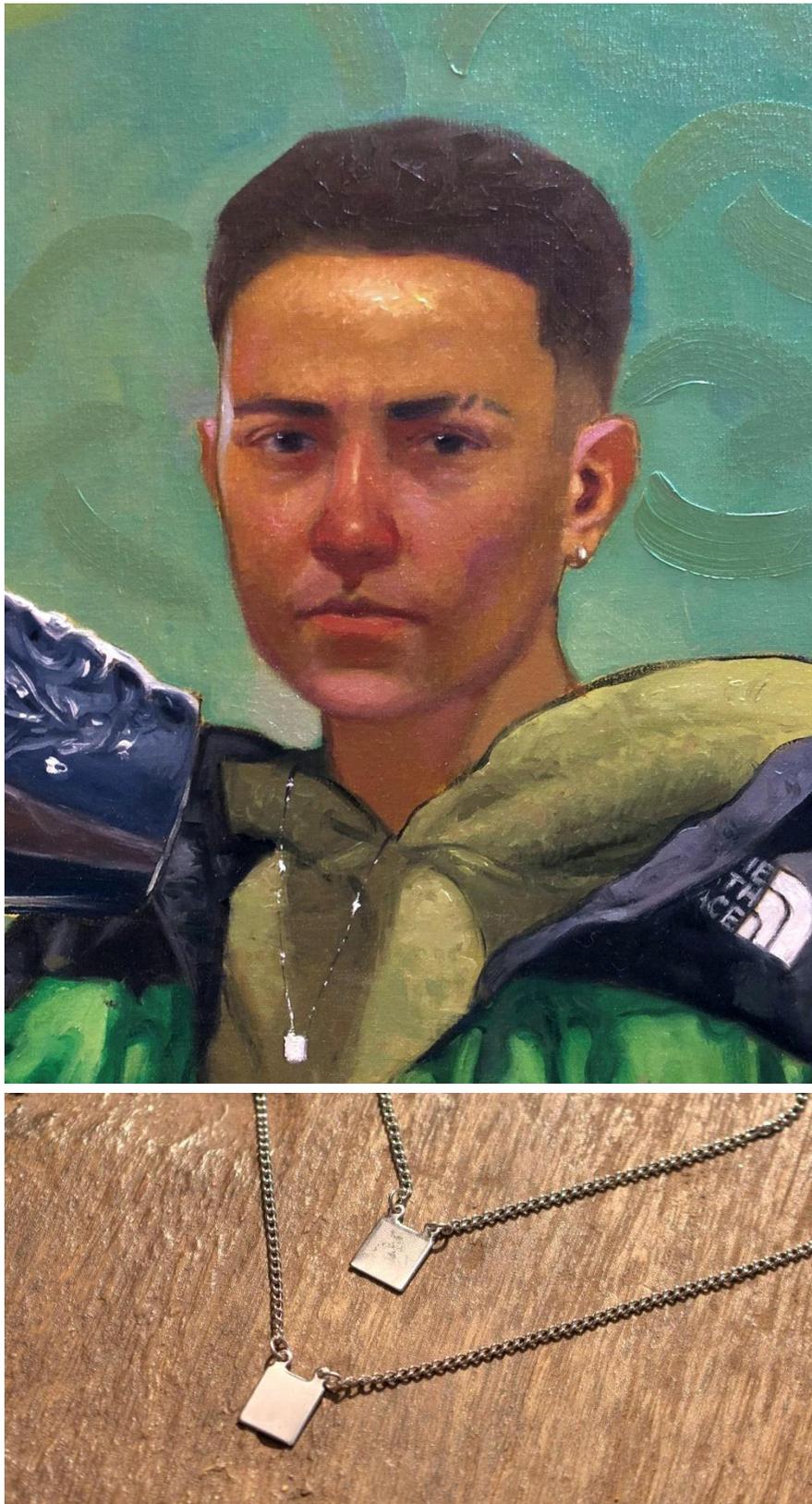


Figura 29: acima: Breno, detalhe do rosto e escapulário; abaixo: escapulário do meu irmão, aço inoxidável. Fonte: autoria própria.

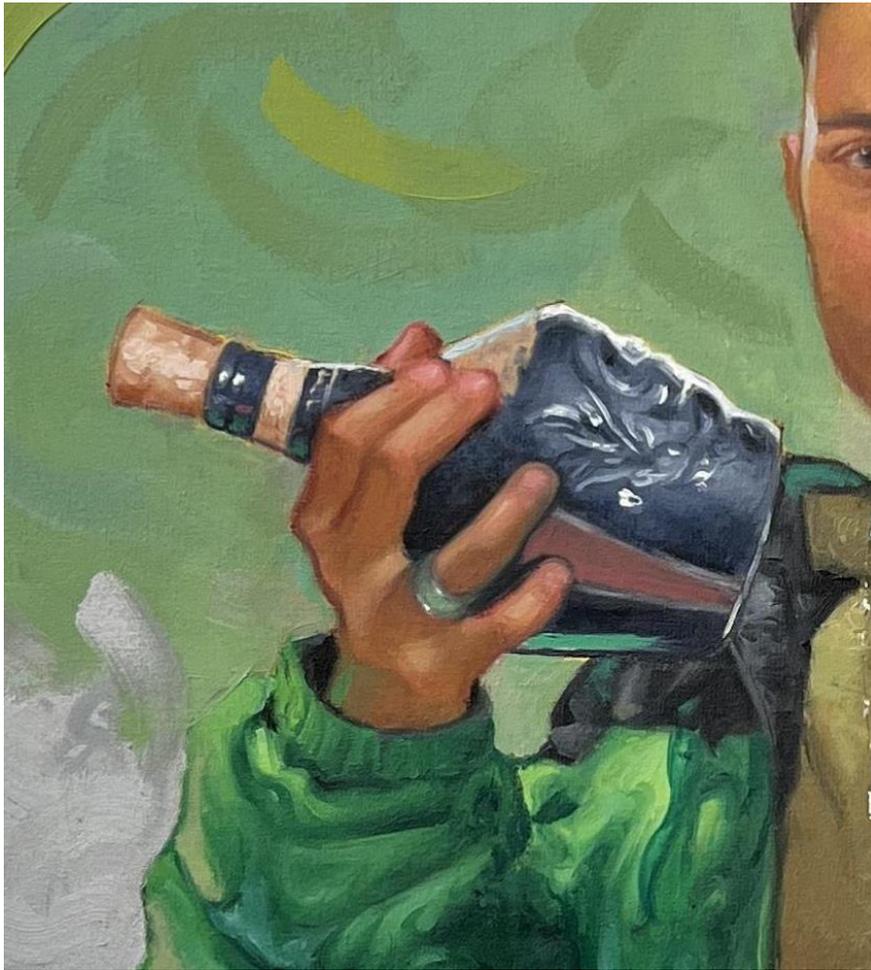


Figura 30: acima: Breno, detalhe da mão, anel e garrafa; abaixo: anel B.S.
Fonte: autoria própria.



Figura 31: Lucas (autorretrato), óleo sobre tela, 69x84cm, 2022.
. Fonte: autoria própria.

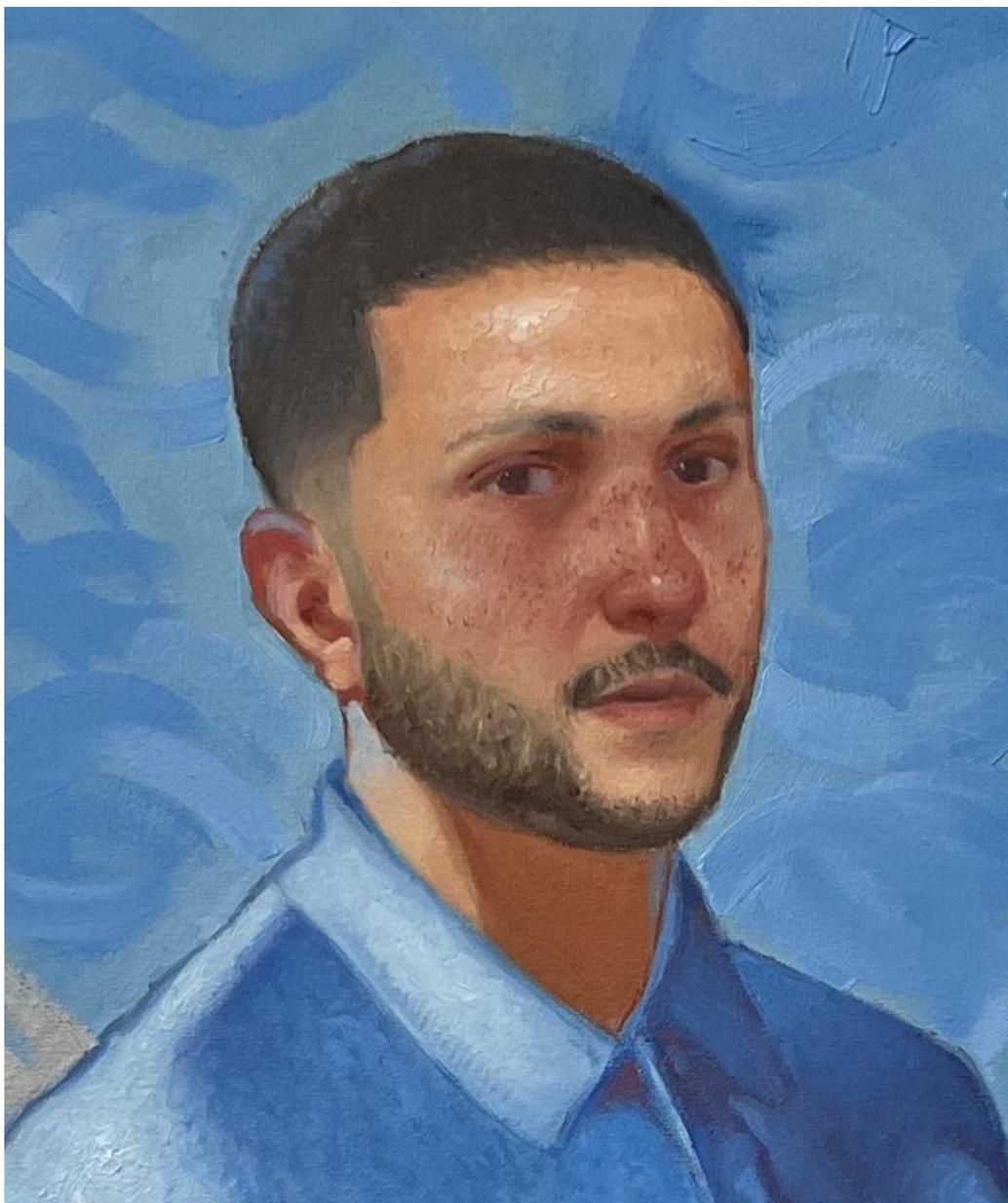


Figura 32: Lucas, detalhe do rosto.

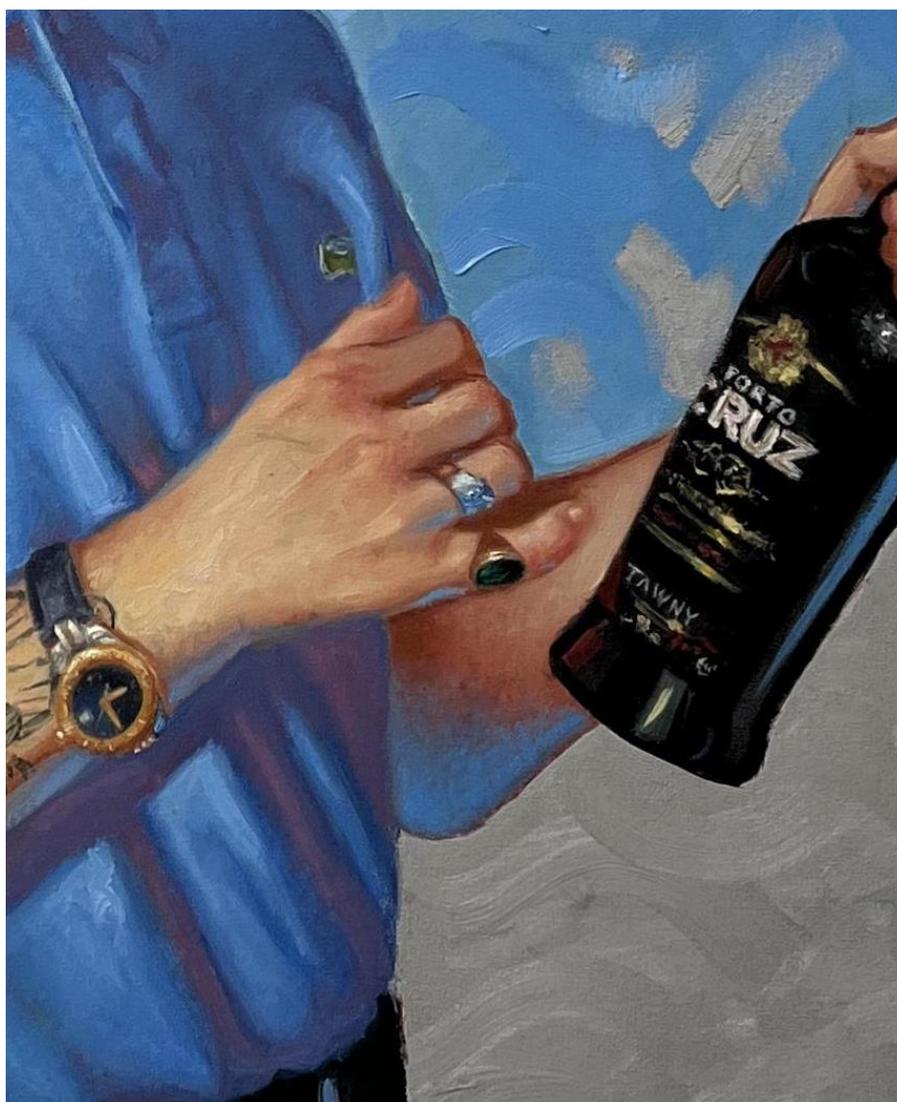


Figura 33: acima: Lucas, detalhe da mão, anéis e garrafa; abaixo esquerda: anel L.S.; anel em ouro 18K e Turmalina. Fonte: autoria própria.



Figura 34: acima: Lucas, detalhe da tatuagem e relógio; abaixo: relógio *FENDI 900G*.
Fonte: acervo pessoal do autor.

7. CONCLUSÃO: A PONTE

É curioso e empolgante pensar que daqui a muitos anos, se essas telas, desenhos e joias resistirem às infinitas surpresas e eventos imprevisíveis que a vida e o tempo nos impõem, as próximas gerações da família poderão saber um pouco sobre seus antepassados. Mas, sinceramente, eu não me preocupo de verdade com o paradeiro dessas joias lá na frente, contanto que ainda existam, já fico feliz. Dizem que os pais criam os filhos para o mundo, e isso serve também para as coisas que criei aqui. Não há garantia no amanhã, e eu vejo beleza nisso.

Recentemente, um pouco antes de escrever essas linhas, perdi um colar de pérolas da minha família. Saí de casa, e na volta notei meu pescoço nu, isso me causou uma enorme tristeza durante alguns dias. Depois do luto, entendi que os objetos não são apegados a nós, nós é que somos apegados aos objetos. Isso significa que alguém possivelmente achou esse colar e o levou para casa. Hoje, ele dá continuidade à sua história nos pescoços de outra pessoa. Independente, como sempre foi.

Duas pontes foram criadas com esse projeto: uma entre o mundo da ourivesaria e da pintura – essa é extremamente sólida e liga dois pontos já bem estabelecidos, sei disso porque muitas do tipo já foram construídas na história da arte. A outra é uma ponte sem direção definida, mas o ponto de partida é a família Santos, seus laços e lembranças. Para onde essa vai ainda é uma incógnita.

Portanto, acredito que o meu trabalho foi criar uma semente de memória e registro familiar, mas o resultado disso no futuro depende de uma série de fatores variáveis e inesperados. Nada impede que um desses adornos seja perdido, ou que uma das pinturas seja danificada. Nossas iniciais e sobrenomes estão gravados no interior das joias e no verso das telas, e para mim isso é o mais importante. Se pelo acaso do destino, elas encontrarem um novo lar algum dia, sei que os novos donos vão ao menos se perguntar:

- Quem foram os Santos?

BIBLIOGRAFIA

CAILLÉ, Alain. **Nem holismo nem individualismo metodológicos**: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 13, n. 38, São Paulo, out. 1998.

GODELIER, Maurice. **O Enigma do Dom**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

SANTOS, Rita. **Joias**: fundamentos, processos e técnicas. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2013.

MARX, Karl. **O caráter fetichista da mercadoria e seu segredo**. In.: _____. O Capital: crítica da economia política. São Paulo: EPU, 1974, P. 70-78, v. 1.

WEINER, Annette B. **Inalienable Possessions**: the paradox of keeping-while-giving. Berkeley/Los Angeles/Oxford: University of California Press, 1992.

APÊNDICE

Exposição **JOIA**: Galeria Macunaíma – 19/07 a 29/07/2022

Workshop Aquarela e Gemas Preciosas 28/07/2022

Ourives e pintor, Lucas Santos entende que há pontos de interseção muito claros entre o universo da joalheria e outras formas de arte. A escultura, por exemplo, compreende a modelagem e aspectos tridimensionais, enquanto a gravura compartilha de ferramentas e técnicas de entalhe similares. Já a pintura, não só se assemelha no sentido da relação cromática dos elementos e gemas preciosas, mas também na representação de joias em telas como importantes registros históricos do mundo, em diferentes épocas, contextos e lugares.

Como linguagem, a ourivesaria está presente no espaço e no tempo, facilitando a compreensão das relações humanas desde os momentos mais antigos dos quais se tem registro, na formação do processo civilizatório, revelando características culturais e modo de vida da sociedade. Ao longo da história, as joias foram símbolo e afirmação de desigualdade e hierarquias sociais, uma vez que se tratavam de objetos de luxo atrelados ao poder dos indivíduos. No entanto, elas também são, como fruto de uma expressão artística, carregadas de sentimentos, memórias, ideias e simbolismos, o que ultrapassa os muros da vaidade.

Além de estudos mais técnicos sobre adornos e gemas preciosas, Lucas explora o aspecto emocional desses artefatos, numa ponte direta entre pinturas a óleo de seus familiares usando roupas, objetos e, principalmente, joias que os representam, sendo algumas delas desenhadas e produzidas pelo próprio artista. o projeto **JOIA** é um registro de memória familiar e fortalecimento de laços, por meio de telas e acessórios que contarão histórias às próximas gerações da família.



Vitrines montadas para a exposição:



Fotografias do workshop oferecido pelo artista no ateliê de Pintura da EBA-UFRJ:
Workshop Aquarela e Gemas Preciosas 28/07/2022

